



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

**BRINCADEIRAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS, NUMA
PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA E COMPARADA**

Edite Colares oliveira Marques

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

Neste artigo abordaremos as brincadeiras e os folguedos populares tradicionais e contemporâneos registrados em uma pesquisa de cunho etnográfico e comparada, na qual se observou a vivência destas práticas lúdicas, tanto na escola, quanto na comunidade escolar, dando atenção às manifestações artístico-culturais comunitárias e escolares face a sua dimensão lúdica, bem como seu significado social e educativo. Apresentamos este estudo tendo em vista contribuir para o debate e a compreensão do papel dos folguedos populares no campo do ensino de arte, em oposição à visão hegemônica da cultura, veiculada em escala industrial e voltada para o entretenimento, que toma hoje significativo espaço no contexto escolar. Tem-se como referencial teórico, autores como: Mikhail Bakhtin, ao perceber a cultura popular e o riso em sua expressão de liberdade tão necessária à vida; Huizinga, que acena para a importância do espírito lúdico e estético na educação, pois seríamos, em essência, *Homo Ludens*; Henry Giroux, ao abordar as relações entre cultura popular, pedagogia e currículo escolar; Adorno, em sua perspectiva de *Educação e Emancipação*, Frans Boas e sua abordagem antropológica e etnográfica, bem como ancorada em uma trajetória acadêmica vinculada à brincadeira, ao folgado e ao riso como elementos indispensáveis à formação humana. Como metodologia de pesquisa foi adotada uma perspectiva etnográfica e comparada, ao intentar apontar possíveis articulações entre as manifestações tradicionais de folguedos brasileiros e festejos populares portugueses, com base numa recomendação da legislação educacional brasileira e portuguesa ao ensino de arte, de que seja dada especial atenção às expressões populares regionais e ao patrimônio imaterial local, relacionando o conhecimento artístico às suas bases históricas. Compreende-se que mesmo ao identificar uma matriz cultural comum, bem como as influências recíprocas e o contato histórico entre Portugal e Brasil a reflexão acadêmica deve-se pautar por uma fundamentação histórica e dialética pela qual todo fenômeno está sujeito a contradições e transformações próprias do tempo histórico no qual está inserido revisitando práticas lúdicas mantidas e transformadas pela contemporaneidade.

PALAVRAS CHAVE: TRADIÇÃO, FOLGUEDO, EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Valemo-nos da convicção de que a ação do sujeito é fruto em grande parte das aprendizagens do meio no qual está imerso, e dos quais a própria escola é parte integrante, e por meio de suas atividades influencia o modo de ser e pensar dos que estão a sua volta. Chamamos BOAS para preconizar a ideia de



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

que, “(...) o método que estamos tentando desenvolver baseia-se num estudo das mudanças dinâmicas da sociedade que podem ser observadas no tempo presente.” (Boas, 2004, p. 47)

Agrupamos situações sobre a mesma denominação, “folguedos populares”, incluindo os festejos e as brincadeiras nas duas comunidades pesquisadas, a fim de apresentar ao leitor um conjunto de fatos sociais capazes de identificar ou distinguir este fenômeno, enquanto processo de formação da sensibilidade, da sociabilidade e da criação em contextos educativos. Só após a descrição de festejos populares em Fortaleza e no Porto é que trataremos de categorias de análises, como: regressão da sensibilidade, valorização cultural, autonomia e descoberta na educação, nas quais as situações identificam-se ou não, para na sequência projetar possíveis viabilidades destas manifestações em contextos educativos nos quais as mesmas possam contribuir de maneira decisiva para o fortalecimento do ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental.

Outro aspecto de grande relevância para a escolha da temática, brincadeiras e folguedos populares no ensino de arte, para a realização da presente pesquisa, deve-se à crença de que ao revestirem-se de padrões multiformes as linguagens artísticas em folguedos, folias e brincadeiras tornam-se portadores de uma pluralidade cultural relevante à introdução cultural dos escolares.

Brincadeiras e Folguedos de Fortaleza e do Porto

Na cidade de Fortaleza ainda encontra-se folguedos e brincadeiras tradicionais, como a malhação do Judas - tradição que se reporta à passagem bíblica da traição de Judas à Jesus Cristo. Em sua realização há um efeito simbólico de linchamento e enforcamento de todos os traidores da humanidade, contendo assim, um princípio de justiça social aos inimigos do povo em plena praça pública. É uma festa de fogo, fogo que expressa a revolta e a agressividade do povo que se arma de paus para bater no laráprio dos sonhos de justiça. Todo o ritual permite que venha à tona um pouco das frustrações de crianças e adultos, que vingam no boneco sua revolta e indignação.

As crianças são os participantes mais ativos da festa não saindo de perto da forca, seja para observar o traidor, seja apenas para colocar o boneco em movimento. Com esse exemplo, pode-se demonstrar que a brincadeira continua na vida social também de forma ritual. Reunindo um coletivo humano para viver experiências de prazer e catarse. Evidenciando um momento de participação que envolve, bêbados, crianças e senhoras em uma mesma manifestação cultural, no espaço da praça. Desta forma, fica clara a rica simbologia cultural do folguedo,- que acontece não só em brincadeiras individuais e infantis, mas também quando encarna, no caso aqui ilustrado, o inconsciente coletivo.

As festividades do calendário litúrgico são vividas pela sociedade em geral, de forma lúdica, envolta numa magia representativa do imaginário coletivo. Como foi ilustrado, na queima do Judas, no sábado de aleluia, vivido de forma teatral pelos bairros da cidade de Fortaleza e que também encontramos no Norte de Portugal, numa cidade chamada Cerveira, embora já não tenhamos encontrado no Porto, numa demonstração da perda da brincadeira como domínio cultural, que não é privilégio só de crianças mas também de adultos.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Essa manifestação que ainda unifica gerações têm no folgado um importante espaço para o encontro de tempos diversos e de realização da sociabilidade humana.

Esse momento coletivo, fecundo de significado cultural e histórico, encontra-se, também em outras festas de cunho popular. A exemplo disso, na festa de São João, que celebra a fecundidade da terra, observa-se o espírito festivo de unidade e da vivência com o fogo e com a fogueira. Um ritual místico-religioso que reúne a todos nestes dias em que a alegria e a expressão popular pedem passagem. A simbologia contida no fogo, de vida, fecundidade, luz é um unificador dos sentimentos ali vivificados.

Hegemonicamente temos ligado a ideia de religiosidade, ao cristianismo, devido imposições da igreja católica em Portugal e no Brasil, porém a religiosidade da festa popular deve-se a manifestações anteriores, que foram sendo assimiladas pela religião católica. Para exemplificar vale ressaltar a exaltação ao Deus, - Sol, anterior à era cristã, que foi assimilada nos festejos de São João, presentes nos balões e nas fogueiras. Pular fogueira, soltar balões são ainda reminiscências destes cultos solares já tão ancestrais.

Ouvindo relatos de pessoas mais velhas, sabe-se que no passado- há duas ou três gerações-, esses momentos ainda eram vividos com mais intensidade. Hoje, porém, mesmo as festas coletivas são cada vez menos compartilhada pelo conjunto das cidades. No caso das duas festas citadas, não resta dúvida que na atualidade, o apelo consumista e a marca da sociedade de mercado vem transformando muitíssimo o apelo solidário e humano, de antigamente.

Embora observemos uma redução do alcance coletivo da festa transformando-se mais e mais em festejo isolado de famílias de posses, em festas privadas; a alegria e o riso, por si só, já são representativos da vida e acabam significando em última instância, um momento de aproximação entre as pessoas e o fortalecimento do sentido de pertença a uma dada comunidade.

O período joanino no Porto é muito rico em manifestações do universo tradicional. Ao passar pelas ruas encontram-se, nas calçadas, muitas pessoas vendendo manjericos em pequenos jarrinhos. É uma planta que tem uma forma arredondada e um suave olor, mas é de conhecimento geral que não se deve cheirá-la diretamente e, sim, colocar as mãos nas folhas para, então, aspirar-lhe o perfume impregnado na pele das mãos. São acompanhados de uma plaquinha que vem fincada na terra com uma quadra em homenagem a São João. Como exemplo, podemos citar a seguinte:

*Anda o povo contente
Com o manjerico na mão
É uma imensa alegria
Na noite de São João*

Também, flanado pelas ruas, é comum encontrar cascatas, que são miniaturas belíssimas da procissão a São João, expostas nas vitrines das lojas, no centro comercial. Na véspera de São João, a cidade do Porto engalana-se toda e espera ansiosamente o ponto alto da festa, que são os fogos de artifício. À meia-noite dá-se o foguetório na ribeira e parece que toda cidade vai assisti-lo. São inúmeras pessoas caminhando,



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

trazendo à mão alho-porro ou martelinhos de plásticos para baterem na cabeça uns dos outros. (Hoje, os martelinhos substituem, quase a totalidade, os ramos de alho-porro e ervas santas, que eram usados tipicamente para abençoar ou livrar do mal as pessoas. Caminham de um lado para o outro e muitas churrasqueiras são postas as ruas para assar sardinhas, o que também faz parte da tradição. Em muitos lugares da cidade as pessoas montam caixas de som, ouvem música e dançam em grupos de amigos. Também são montados palcos, em pontos estratégicos da cidade, onde se apresentam artistas locais, bem como dançam em muitos pontos da cidade ao som de conjuntos musicais.

Em relação ao tipo de música que se ouve, esta, na maioria das vezes, não é nada tradicional, pois ouvem-se músicas produzidas pela indústria cultural e de pouca qualidade sonora que, os portugueses chamam-na de música *pimba*. É importante ainda relatar a presença marcante da música brasileira, do mesmo baixo padrão, cantores como Michel Teló e seu famoso: “Assim você me mata” abusivamente. Tratando de folguedos populares, como os citados anteriormente, é impossível não relacioná-los ao universo lúdico humano, tendo em vista que é a instituição do riso, da alegria, da música; momento de significativa importância para a vida humana. Tome-se também o caso do carnaval, que pela tradição torna-se um momento esperado por todo o ano, especialmente para algumas pessoas ou grupos, que se preparam e ensaiam por um bom período do ano. Seu caráter elitista, outrora expresso no carnaval dos clubes e agremiações carnavalescas é hoje, mantido e revigorado no carnaval importado do trio-elétrico e em blocos, que separados da população por cordão de isolamento, privatizam o espaço público da rua, para salvaguardar o direito dos cidadãos de “1ª classe” a brincar “em segurança”.

É importante ressaltar que nos últimos anos, algumas iniciativas em bairros de Fortaleza, revelam-se tentativa de resistência e surgem como maneira de fazer sobreviver o costume do carnaval de rua e dos blocos de sujo, característicos da tradição fortalezense. São blocos como: “Quem é de bem fica”, no Benfica ou “Jacaré na Praça”, no Jacarecanga. No Porto, apenas em pontos isolados, a festa carnavalesca é prestigiada. A encontramos de forma mais representativa em Podence, mais ao Norte de Portugal, numa festa de caretos na qual os filhos da terra confraternizam-se e encontram-se ano a ano, trazendo ao lar muitos deles, que já vivem longe.

Acompanhando a folia, seguem crianças, jovens e adultos, num verdadeiro encontro de gerações. Mas, que outras situações têm o poder de reunir diferentes gerações com tamanha harmonia e alegria, senão as festas, os folguedos, as brincadeiras?

Folguedo Popular e Vida Comunitária

O observador mais atento dar-se-á conta da alteração do caráter da festa que, pouco a pouco, deixa de representar a vida comunitária, e passa a explorar o divertimento como produto de mercado. A cultura do entretenimento e da diversão mediática são a tônica nos dias de hoje. Fica cada vez mais difícil encontrar festas populares aos moldes da comunidade reunida para celebrar.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

A normatização, a padronização, como em festivais de quadrilhas, foi ao que se reduziram as manifestações juninas em Fortaleza, suprimiram parte significativa dos festejos. Reduziram os costumes de brincadeiras, como a representação do casamento, os balões, as fogueiras, os pratos típicos e muitas outras facetas desta comemoração vão, aos poucos, se perdendo.

No Porto ou em Fortaleza, os festejos revestem-se de uma roupagem do divertimento sem pretensões a nada mais enraizado. Lá, substituem-se os alhos poros por martelinhos plásticos, na noite de São João, comprometem o sentido e transformam tudo em mercadoria, aqui as quadrilhas são produtos culturais prontos para um ávido mercado.

Em Portugal, no entanto, notamos uma maior preocupação com o patrimônio cultural e a memória. Os concursos de quadras, de cascatas e a unanimidade da festa, com o foguetório, na noite de São João, são algumas das estratégias de manutenção desta tradição pela cidade.

Enche-nos de pesar ver o desrespeito aos bens imateriais que nos unem, numa cidade que fragiliza seus vínculos, sua identidade. Fortaleza, a nosso ver é uma cidade que sofre de um desenlace das pessoas com a vida em comunidade. Parece que não vemos a cidade como nossa, mas como terra de ninguém. Constatamos que o folguedo popular tradicional não é um produto comercial suficientemente atraente para a indústria do entretenimento, nem para o poder público. Está integrado ao desejo de cultura e arte das populações. Além das pessoas tornarem-se cada vez mais individualistas na sociedade atual, há aspectos que, conjuntamente, justificam um empobrecimento dos festejos populares.

Como nos ensina ADORNO, em *Dialética do Esclarecimento: A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão*. (1947, p. 20) Quanto mais sofisticada uma sociedade mais empobrecida torna-se suas vivências e maior o isolamento da coletividade, pois a indústria da diversão transforma a todos em meros e passivos consumidores promovendo uma regressão dos sentidos. O princípio da diversão é exatamente um estado de letargia, que nos anestesia do esforço do trabalho e, portanto, destrói tudo que seja mais que entretenimento. O espectador não atende a nenhum interesse próprio ou comunitário, mas tão somente absorve o que é oferecido, sendo o lazer uma negação da sua essência humana e de sua capacidade criativa.

A complexa sociedade capitalista, que se pretende global, prescreve como numa medicação paliativa doses de prazer fraudulento a amortecer nossa capacidade criativa e a verdadeira alegria que a cultura pode proporcionar, enquanto prática de resistência à homogeneização e desenraizamento, função inevitável do processo artístico e cultural de refletir sobre a limitação do real, numa projeção utópica de um mundo solidário.

Adentrando à Escola

Como parte da pesquisa de campo, na qual se investigou o papel da brincadeira na vida social, realizou-se observações e entrevistas em escolas de Fortaleza e do Porto, procurando descobrir, no espaço escolar, o



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

valor e a forma de vivência da brincadeira e dos folguedos tradicionais. Os espaços de observações onde se realizaram, foram ocorrendo em função das oportunidades que a escola oferecia para situações de vivência de brincadeira e folguedos.

Em Fortaleza, a nossa diminuta valorização da cultura e da arte, manifesta-se em uma despreocupação dos setores responsáveis pela manutenção do patrimônio cultural. No ano de 2014 não notamos nenhuma intervenção na rotina urbana, com atividades relativas às festas juninas. É deprimente constatar que não há envolvimento sério dos responsáveis por manter nossa cultura. Mesmo a festa de São João, a mais tradicional, não é suficientemente valorizada para ganhar o *status* de conteúdo escolar, já que não houveram grandes referências nas escolas, a não ser cedendo espaços físicos para ensaios de quadrilhas de festival. Em 2016 foram excluídas as festas juninas do calendário escolar.

Lembramos que em 2002, quando apresentamos estudo sobre: O Lugar da Brincadeira na Vida Humana, dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Ceará em 1997 e publicada no livro: O Desafio de Brincar, relatamos que: *A festa de São João marcou o término das aulas no 1º semestre letivo. Ela foi feita estruturada no esquema tradicional, com as crianças apresentando alguns números de dança no salão coberto da escola. Depois das apresentações, continuou-se a tocar música e as crianças e adolescentes permaneceram por mais de uma hora na escola, cantando, dançando e até mesmo quando a música já havia parado.* (105, p.2002)

Atualmente, encontramos uma realidade bem distinta, na qual o festejo junino deu lugar à preparação exaustiva das crianças para exames e provas, não dando-se conta, a escola, de que a transmissão das práticas culturais de festejos, são não só a culminância de um período letivo, mas também a transmissão dos valores, rituais e vida cultural na vertente regional, já preconizada na LDB em seu artigo 2º.

Numa escola pública de Fortaleza as crianças só contam com a aula de recreação, como tempo em que se prioriza o aspecto lúdico, ainda assim, as professoras polivalentes fazem dessa aula um momento do “façam o que quiserem”, sem qualquer direcionamento das atividades desenvolvidas pelas crianças. A escola não atribui a esse momento atenção especial, mesmo sendo a única oportunidade do brincar como ato educativo. O cotidiano desta escola pública, nos anos iniciais de escolarização, é hoje marcado por aulas expositivas e tarefas escritas com a finalidade de preparar os alunos para prestarem exames e avaliações das quais dependem o financiamento da educação. Entre as aulas, uma pausa para o recreio. É exatamente nesse lapso de tempo que residem, quase exclusivamente, a parte destinada à ludicidade segundo constatamos nas observações.

Os brinquedos que as crianças trazem, para a escola, como: bilas e bonecos, são os suportes para a brincadeira. Os brinquedos devem ser socializados com os colegas, todos brincando juntos. Esta forma de dividirem seus brinquedos é condição necessária para que possam trazê-los para a escola, caso contrário a disputa poderia acabar em briga. O que acontece muitas vezes na educação infantil quando os estudantes, em sua posição egocêntrica, ainda não conseguem dividir o que é seu. Só mais tarde com a experiência da



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

convivência coletiva é que vão adquirindo aos poucos, hábitos de partilharem objetos. Por isso é importante estudar a brincadeira no espaço escolar, bem como procurar vislumbrar suas potencialidades para a educação humana, especialmente das crianças.

O primeiro motivo pelo qual se justifica a brincadeira e o folguedo na escola é para que a criança se socialize, descubra na escola maneiras de relacionar-se com as pessoas e com outras crianças, em especial. Depois, para que elas conheçam o universo das manifestações culturais as quais vinculam-se as comunidades em que vivem, convivendo com práticas ancestrais significativas para a vida comunitária. Todas as situações de brincadeira, promovem uma forma de relacionamento entre os estudantes e destes com diferenciados instrumentos de expressão, numa vivência lúdica da realidade. Assim também, no brincar se está vivendo um mundo de significados e de interação com a realidade e com o outro.

A brincadeira e o folguedo têm se demonstrado socializadores no que se refere a criar situações de interação entre os estudantes. As crianças no recreio estabelecem regras em suas brincadeiras, formas de usarem os equipamentos, repartirem seus brinquedos e de conhecerem-se. Em cada uma destas relações com os elementos da cultura e com os outros, bem como com as coisas a sua volta, amadurecem reações e descobrem o seu lugar no mundo. Desta maneira, parece óbvio que a brincadeira contribui, e muito, para evolução intelectual, social e afetiva das crianças e como tal é indispensável como recurso de ensino e aprendizagem.

No Porto nos orientaram a buscar a Escola da Ponte, por se tratar de uma escola autônoma em seu projeto pedagógico, com gestão participativa, e ter incluída, como parte das atividades pedagógicas, a festa popular comunitária, na qual a escola tem papel cativo. Ao chegarmos à escola percebemos o ambiente já preparado para o trabalho em grupos e uma decoração realizada pelas crianças. Observamos que no chão haviam trava-línguas colados. Um grupo de alunos nos recebeu e foi nos conduzindo pelas dependências da escola explicando o trabalho pedagógico das crianças e dos professores em sala de aula.

Descobrimos, em entrevista com estagiária da escola, que primeiro *surgem as propostas que os miúdos fazem, depois são votadas em assembleia e, em seguida, encaminhados os estudos (...) o que temos é um coletivo, pois enquanto se pensar em trabalhar sozinhos não se faz um projeto diferenciado.*

Os alunos são identificados por fases de iniciação, consolidação e aprofundamento, mas interagem livremente em resposta às necessidades de projetos criados por eles e professores, no desenrolar da atividade educativa.

Indagamos sobre a existência de alguma atividade relativa a folguedos e obtivemos a informação de que existe na escola um projeto “Festa na Vila”, do qual a escola participa há vários anos. No caso deste projeto a escola recebeu um convite por parte da Câmara, quando da elevação à Vila das Aves, localidade na qual situa-se a escola. Proposta que foi votada e aprovada em assembleia pela comunidade escolar. Segundo a informante: *-há uma atenção relativa ao campo da festa, que está integrada ao conjunto das ações desenvolvidas com a comunidade.*



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

As entrevistas com professores e alunos, bem como as observações nas escolas nos levaram a conhecer experiências pontuais ao buscar brincadeiras e folguedos neste contexto, como as que acabamos de destacar.

Valorização da Brincadeira e do Folgado na Escola

Observando o cotidiano escolar, constata-se a reduzida possibilidade de ocorrência da brincadeira, bem como a redução do tempo destinado aos folguedos e às manifestações tradicionais, como a festa junina que em entrevista com professores descobrimos que no atual ano letivo foi banida do calendário escolar, sob a justificativa de se centrar a atenção na preparação dos alunos para realização de provas e exames tanto internos quanto externos. A festa e a brincadeira estão condenadas a realização marginal, são tratadas como indesejáveis ao processo de ensino e aprendizagem.

O espaço e o tempo destinado à brincadeira na escola pública é ínfimo. Percebe-se a reduzida importância que se dá ao folgado na ação educativa, não só pelo tempo a ele destinado, mas também na pobreza de recursos e na indisposição da escola para com essa atividade de caráter socializante e libertária. Mesmo que o tema ludicidade no ensino tenha, hoje, já passado por reconceptualização, os momentos em sala de aula, em que se tenta brincar e desenvolver habilidades a partir da brincadeira e dos folguedos, só acontecem como “aulas experimentais” ou pelo esforço individual de professores que têm esta referência em sua própria formação. Embora, sejam estes pequenos momentos que apontam para novos caminhos na evolução da educação, com registro experiências exitosas, ainda não detêm um olhar e um agir consequente sobre a questão.

Se a escola não dá valor as brincadeiras na ação educativa o mesmo não se pode dizer das crianças. Ao contrário, o valor dado a brincadeira por elas é enorme. Um elevado número de crianças ao ser indagadas sobre sua atividade favorita em contexto escolar, respondem com uma referência a brincadeiras ou a folguedos. A seguir algumas das respostas das crianças:

- “- As festas,
- O dia das crianças,
- Semana Cultural,
- As brincadeiras,
- A recreação.”

São estes os momentos que destacam, para contarem como experiências agradáveis da escola. Por outro lado, ao indagar-se sobre a aula que mais gostaram, obtivemos de uma aluna a seguinte resposta:

“P- Qual a aula que você mais gosta? R- Matemática, é mais fácil.

P- Por que? R- Por que eu acho que a matemática a gente aprende brincando.

P- Por que? A professora dá aula brincando?

R- Não. Por que a matemática é fácil e a gente aprende com jogos, essas coisas.”

Esta criança se referiu ao fato de a professora ensinar matemática utilizando-se de dominó e outros materiais concretos para facilitar a aprendizagem. O que dá para extrair de tais depoimentos é que, para a



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

criança o mais valioso é aquilo que está mais afeito a brincadeira. A aula que mais gosta é a que é possível de acontecer com brincadeira e graças a isso, se torna mais acessível para a criança. Talvez por que seja esse o comportamento próprio da investigação infantil.

No entanto, a escola em sua prática cotidiana, quase não leva esse aspecto em consideração. Como deu para perceber, o tempo e o aparato para a brincadeira e a festa são reduzidíssimos. Acompanhada de uma descrença no valor da brincadeira enquanto mediadora de desenvolvimento humano, a organização pedagógica da escola faz com que a atividade lúdica e a vivência de folguedos não sejam merecedores de nenhum tipo de atenção sistemática.

A aula de recreação, a sala de leitura e o recreio, na fala dos alunos, constituem-se, essencialmente, nos momentos em que a brincadeira pode ocorrer dentro da escola. Porém, as aulas de recreação ocorrem, livremente, podendo as crianças fazerem o que quiserem. A este respeito, vejamos um diálogo desenvolvido com uma criança na escola:

“P- E como é a aula de recreação?”

R- Os meninos brincam de futebol e as meninas brincam do outro lado do campo, aí brinca de qual quer coisa...- Carimba...- Mas eu acho bom é de ficar bolando na areia...- Ficar brincando de bola.”

As professoras oferecem uma bola e deixam as crianças brincarem à vontade. Excelente que exista oportunidade como esta de brincarem livremente. Certamente este momento será rico para a formação da identidade de grupo e do desenvolvimento de cada um, em termos social, afetivo e intelectual. Porém, esta não pode ser a única forma de se relacionar com o lúdico e com o folguedo tradicional, no âmbito da escola.

A sala de leitura também se apresentou como um espaço de exercício de liberdade e experiências lúdicas. Lá as crianças optam entre livros paradidáticos ou por brincarem com os jogos de que se dispõe. Aí também ficam bem à vontade, estando livres para o jogo.

Assim fica demonstrado que já há, na escola um despertar para o significado da brincadeira em relação ao desenvolvimento da criança; porém, essa visão dá lugar apenas a iniciativas isoladas. Uma ação pedagógica tida de forma fragmentada. Aparece como mais um recurso didático para ser usando em ocasiões esporádicas dentro das disciplinas do currículo ou em datas comemorativas, ao invés de se constituir numa opção consciente e sistemática da vivência lúdica na ação escolar.

CONSIDERAÇÕES

Durante as observações e com base nas entrevistas realizadas nas escolas pesquisadas, chegamos à conclusão de que a liberdade de ação e a busca de satisfação dos educandos, não são as preocupações do atual sistema de educação. Pois, como explicita BAKHTIN:

O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

(...) Ao derrotar esse medo, o riso esclarecia a consciência do homem, revelava-lhe um mundo novo. (1996, p.76)

Como denuncia Bakhtin: *Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação.* Confirmamos este espírito na escola ao ver que nem mesmo a festa junina, no ano letivo de 2016, foi prevista no calendário de atividades escolares, ficando visível que docentes e técnicos do ensino pouco promovem momentos lúdicos na vida da escola preferindo valorizar avaliações e testes.

Em uma turma de terceiro ano ao perguntarmos: “Escola é lugar de brincadeira?” os alunos respondem em uníssono: “- Não. A escola não é lugar de brincadeira.

- “Só no recreio.

Alguém faz a ressalva de que só na hora do recreio, mas, ao mesmo tempo, completa:

- “Mas tem gente que não sabe diferenciar isso.”

O ambiente escolar é por excelência um cerceador de liberdades. A consciência de que tem hora para tudo e que a hora da brincadeira na escola está limitado ao recreio, é algo presente em todas as turmas que entrevistamos de 1º ao 4º ano. Porém, este pequeno período do cotidiano escolar é o momento que os alunos mais apreciam. Quando indagados sobre a aula que mais gostam, reportaram-se às aulas de artes e recreação. Ao questionarmos sobre o “porque?” respondem que é por que nessas aulas eles têm a oportunidade de brincar.

Fica-nos a questão: -Não seria possível na escola se fugir a essa concepção extremamente disciplinadora das emoções e anseios infantis e voltar-se para uma perspectiva de educação que faça mais sentido para a criança?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- APPLE, Michael W. Política Cultural e Educação. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAKHTIN, Mikail . A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília – HUCITEC, 1993.
- BOAS, Frans (2004). *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva. 2013.
- _____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- COLARES, Edite. *O Desafio de Brincar*. Fortaleza: Editora, INESP, 2002
- GIROUX, Henry A. Os Professores como Intelectuais – Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- _____. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular in Currículo. In. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1999.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*, São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 1999.